

— |

| —

# **Morangos silvestres e outros contos eróticos**

J. L. Rocha do Nascimento

EDITORA PENALUX  
Guaratinguetá, 2022

— |

| —

## Morangos silvestres

Plena estação. Não aqui, onde não são produzidos. Em junho, quando os ventos sopram fortes e deixam os lábios ressecados, é possível comprá-los nos supermercados, lojas de conveniência, feiras livres e até nos sinais de trânsito. Acondicionados em bandejas cobertas com papel filme. Fundamental que assim seja, para que possamos vê-los e comê-los com os olhos. Os graúdos, sumarentos e com aquela vermelhidão exuberante, sobretudo nas extremidades, ficam por cima. Sempre desconfiei da maneira como são dispostos. O propósito é de enganar o consumidor, já que por baixo (e quase invisíveis) ficam os ainda não maduros, os amassados ou os pequenos. Por isso, recusava-me comprá-los nos sinais de trânsito, sob a alegação de que, antes de o sinal abrir, não haveria tempo suficiente para uma seleção mais criteriosa. Foi pensando nisso que, mais uma vez, resolvi comprá-los no supermercado. Tive tempo de sobra para escolher os melhores entre as caixinhas à minha frente, tarefa que durou alguns minutos, mas valeu a pena. Bem vermelhos, do jeito que sempre gostei, e suculentos, muito suculentos, daqueles que enchem a boca de água. Encorpados também.

A maioria, recortados com precisão, tinham o formato de um coração. Antes de me dirigir ao caixa, fui até à prateleira dos chocolates, peguei a barra de um, meio amargo. Era a combinação perfeita, dizia ela, mergulhá-los no chocolate quente e derretido, antes de levá-los à boca.

Logo que chegamos, abri a caixinha e os lavei bem. Depois, fiz a triagem. Os maduros demais, quase passados, afastei-os para um canto. Antes que ela avançasse, separei três, bem graúdos. Certifiquei-me da consistência de cada um, o que fiz com os olhos, enquanto deslizava o dedo sobre sua textura, e isso me fez lembrar algo que sempre me agradava: transpor obstáculos. Isso me excitava, sempre. Em seguida, toquei um deles com a ponta da língua, sem exagero, o suficiente para senti-lo: os pequenos grânulos deixavam a superfície rugosa. Aí me perguntei: seriam perceptíveis ao simples contato, na passagem, ao introduzi-los?

Sabia que são da família das *Rosáceas*, a mesma da maçã, da pera ou do pêssego? Aposto que também não sabe disso: chamados de semente, esses pontinhos às vezes pretos, às vezes dourados e duros, são os verdadeiros frutos. Frutificam de abril a agosto, por isso chegam aqui a partir de junho.

O primeiro eu mergulhei numa taça de um Pinot Noir, que acabara de abrir. Lembrei-me de meu professor de metaética. Dizia ele tratar-se da uva mais antiga. O vinho que Cristo teria bebido foi produzido com ela. Pinot sempre foi o meu preferido. O morango, em repouso, interagia com o tinto, um vinho jovem, californiano, nem rolha tinha, era rosqueado. Com o canivete Cornetta, cortei o pedúnculo do segundo morango, lambuzei-o em meio a uma pasta de chocolate quente e o devorei de uma só vez, diferente dela que, comendo-os, como fazia agora, apreciava cada mordida, e

me olhava, assim, com os olhos meio mortos e cabisbaixos, iguais a de um carneiro mal matado, como se o pensamento estivesse em outro plano e já antecipando a pergunta que faria ao final. Com o terceiro, foi diferente. Reservei-lhe um papel de protagonista. Preservei o pedúnculo e a coroa de folhas porque, para os meus propósitos, eram imprescindíveis.

E quando gentilmente pedi que ficasse mais à vontade, ela disse que tinha sido outro o combinado. Mera encenação. Como se diz mesmo? Tudo da boca pra fora. O corpo e alma já eram escravos da vontade e do desejo que, naquelas alturas, não podia ser contido. Já não pensava em outra coisa. As palavras é que teimavam em desafiar o que lhe queimava por dentro.

E não deu outra. Ela se mostrou a mim como desejei. E pareceu-me uma deusa grega, de tão lisa, de tão alva, de tão pequenina, sem pelos na pele branca. Lembrei-me da primeira vez que a vi. A impressão que tive foi a de que, com elegância, o tornozelo à mostra, preso por uma corrente, acabara de descer de um óleo na parede. Não que fosse exatamente igual às donzelas longilíneas que o gênio do mestre cretense retratou. Mas quase tudo nela, quando não alongado, era generoso. Mãos, dedos, o par de pernas torneadas, a garupa arqueada, o pescoço, o brilho dos olhos, o tronco, enfim, menos suas vergonhas, pois, certifiquei-me, com certo atraso, não mediam mais que duas polegadas. E quando, pela primeira vez, minha espada de fogo, freimida, rasgou-lhe o ventre imaculado, imaginei que Zeus, do alto do Olimpo, iracundo, disparava continuamente raios de ciúme, mas de nada adiantaram. Tanto que a cena repetiu-se seguidas e seguidas vezes. Como agora, só que para esta escrevi um roteiro diferente.

— Distráido?

— Não, apenas por um momento lembrei-me daquele entardecer, você caminhando ao longo da praia deserta. A areia fina e fofa e quase invisível, que era removida com os pés, na verdade se curvava em reverência.

— Pois esquece a areia e vem pelo mar adentro.

Olhei-a dos pés à cabeça e quando fiz o caminho de volta, interrompi o movimento ao ver novamente as dimensões firmes e ligeiramente empinadas das duas formações rochosas. Na ponta, dois aríetes prontos pra luta. Equidistantes, nada de calcário ou quartzo, apenas tecido fibroso com as extremidades rosáceas, o que me fez lembrar um poema inacabado dos primeiros anos da minha juventude. Enquanto ajustava a lente, pedi que se insinuasse, fizesse alguns movimentos. Ela, tímida a princípio, obedeceu. Mire meus olhos e libere os freios morais e inibitórios, insisti, fazendo minhas as palavras do meu professor de direito penal e da época em que ainda não tinha a consciência de que o direito, como razão prática, não passava de mais uma grande utopia, da qual mais tarde seria órfão, como de tantas outras. Se vivo fosse diria se tratar de uma heresia ou, no mínimo, diria que sou um cético ou quem sabe um cínico.

Mas deixemos a relação entre direito e utopia de lado, e foquemos no que interessa para dizer que eu a olhei de um modo tão profundo e perturbador que depois de simular uma resistência inicial, rendida, aquiesceu, com o olhar opaco. Em seguida, deu início a alguns movimentos e contrações que, de tão ousados, levantaram-me do chão. Chama-se tântrico, ouviu falar? Foi o bastante para que minhas turbinas alcançassem o ponto de combustão. Instantes depois, nossas roupas misturadas pelo chão, nossos

corpos nus perseguiram um ao outro e nossas carnes, trêmulas, ardiam em brasa.

Em Bergman, será que eles são apenas uma referência? Perguntou, enquanto tocava com a ponta da língua a superfície texturizada. Em suas lembranças, o protagonista volta à cena em que sua paixão de adolescência se dirige ao pôr-mar. Em verdade, um filme sobre velhice, memória e solidão. Vale a pena ser visto, em especial por quem tem dificuldade de lidar com o envelhecimento, que é o seu caso.

Peguei-o pelo pedúnculo e o mergulhei num recipiente com gelo, por uns segundos. Olhei a paisagem em volta pensando na profundidade do enquadramento e no roteiro a ser seguido. Vou pelas marginais, concluí, em *slow motion*. Abandonei logo a ideia. Resolvi improvisar, seguir a intuição. Guiei-o então com a ponta dos dedos e assim cruzei uma vasta planície, subi montanhas e, do alto da encosta, numa rápida tomada aérea, visualizei o vale central, onde o solo é fértil. Foi para onde deslizei. Ao chegar, desenhei círculos imaginários em volta. Depois descí até a entrada da gruta, que estava escorregadia. Algumas gramíneas cresciam ao redor. Estacionei por alguns instantes e fiz alguns movimentos circulares.

Não são uma mera referência. É impossível não associá-los. A coloração vermelha, o aroma, o sabor acredoce, a consistência suculenta, tudo isso desperta os desejos da carne e os prazeres do paladar. Repare bem na cena: enquanto ela, que o rejeitou, vai, aparentemente distraída, com sua cestinha, de um morangueiro a outro, colhendo um aqui, outro acolá, troca beijos com o irmão. Tudo é muito sugestivo.

— E dá pra ver tudo isso em preto e branco? Antes que eu respondesse, ela antecipou-se dizendo não se ofenda, sei de sua imaginação.

Insisti nos movimentos circulares, já bem na antecâmara. Seus olhos pareciam desmaiar o corpo. Pensei numa tomada com a câmera avançando rápido até o close ideal à maneira de Sérgio Leone. Afaste uma da outra, deixe-as abertas, o máximo possível, escancaradas, para que ela cresça diante dos meus olhos, quero ver tudo, eu como com os olhos, você sabe. De novo, resistiu, mas não muito. Logo, a musculatura relaxou, as contrações já eram involuntárias. Estava pronta. Empurrei-o então, devagar, sem pressa, imaginando se por acaso os aquênios não criariam uma área de atrito, na passagem. Ultrapassada, ela acusou o golpe. A contração foi tão forte que quase o esmagou.

— Qual a sensação de um corpo estranho dentro de você?

Não respondeu, apenas revirou os olhos para os lados que, juro, pensei que escorregariam pelo chão. Fiquei naquele entretenimento deslizante de entrar e sair e, por pouco, ele não me escapou dos dedos.

Veio-me então outra ideia. Brando é que estava certo, nada de seguir roteiros preconcebidos. E sem esquecer a primeira cena, que prosseguiu numa tomada sem qualquer corte, embora em segundo plano, desviei o foco para outro cenário, ajustei o zoom e mergulhei com o nariz, com a boca, com os lábios e com a língua sobre a planície orvalhada. Transformei-me num cão farejador, dei de salivar. Os que bebem como os cães, lembrei-me, não sei bem por quê, do episódio bíblico, ou teria sido do romance? Ainda à maneira canina, comecei a lambe aquela pele azeitada com óleo de ameixa. Matei minha sede. Os movimentos não eram ordenados, mas percorri distâncias em frações de segundo. Em dado instante, resolvi me concentrar no vestíbulo da gruta, com meus lábios, meu nariz e minha língua, num esforço

conjunto. Isso sem perder de vista que, mais embaixo, a caldeira continuava queimando ao movimento de minha mão. Na proa, preso entre o polegar e o indicador, o franco-atirador escarlate.

Minha coordenação motora nunca foi muito boa, reconheço, mas até que consegui conjugar os dois movimentos. A sincronia somente foi interrompida minutos após, por um grito e um palavrão, seguido da expressão *ai, meu Deus, como é bom!* Sequer imaginei pudesse pronunciar. Segundos depois, gritou novamente. Um grito animal, aquele. Tão agudo que todas as barreiras do som foram rompidas e nada mais se ouviu, embora continuasse com a boca escancarada, como se o botão *pause* tivesse sido acionado. Passado algum tempo, ela e suas carnes, subjugadas, vieram ao chão, como as muralhas de Jericó. Eu, um *Josué* recompensado depois de sitiar, invadir e conquistar a cidadela.

E antes que os galos da madrugada tecessem a manhã, o aço da minha espada, por seguidas vezes, foi chamado ao campo de batalha e não se curvou. Como um vencedor, continuou lambendo com seu fio o sangue do inimigo até que, por fim, lembrando dos tempos em que praticava judô, ela bateu com a mão esquerda repetidamente sobre o tatame. Era a senha. Retirei então a espada de seu ventre, lentamente. E, antes de embainhá-la, ela ainda encontrou força para lambe o sangue que escorria pela ponta da lamina, sentenciando em seguida:

— Não há dúvida! Foi forjada com uma liga de metal nobre, resistente às mais altas temperaturas.

Eu então, sorriso cínico, à maneira dos imbecis, perguntei:

— Foi bom pra você?

— Fez sua obra-prima!



Sentindo-me um justo, pude saborear o primeiro dos três que havia separado, aquele que afundei no Pinot Noir. E enquanto apreciava o doce amalgamar, ela ainda de repouso, disse:

— Isso de dizer que se trata de minha obra-prima é pra lembrar os bastardos inglórios?

— Bingo!

— O que nos leva de volta ao Bergman e seu sétimo selo, que também é uma obra-prima, mas não só por isso.

— Como assim?

— Tarantino, à sua maneira, muda a história ao evitar a abertura do sétimo selo.

— E daí, qual a relação com Bergman?

— Não percebe?

— Não.

— Que tal vemos agora o nobre cavaleiro irlandês naquele jogo de xadrez com a morte? Você encontrará a resposta.

Ela, sem tirar os olhos do olho do cão andaluz, já meio adormecido, respondeu:

— Com uma condição.

— Qual?

— Depois que se abrir o sétimo selo, vamos brincar de cabra-cega.

***Livros iluminam***

---

Este livro foi composto em Sabon LT Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
pólen soft 80 g/m<sup>2</sup>, em setembro de 2022.

---